

UM RAPAZINHO CHILENO VÊ O RIO

Rubem Braga

Unamuno achava **Recuerdos del Passado**, de Vicente Pérez Rosales, o melhor livro chileno. É, na verdade, um livro singular, escrito, como usavam fazer os velhos clássicos portugueses, ao fim de uma vida intensamente vivida.

Filho de uma família ilustre, Pérez Rosales nasceu em 1807, e desde criança, em sua casa, assistiu a vários acontecimentos históricos, conheceu O'Higgins, os irmãos Carrera (mais tarde assistiria à execução de dois deles) e San Martín. A este deveria encontrar anos depois em Paris, no exílio. Também esteve — ele, que era amigo de Sarmiento — com o exilado Rosas na Inglaterra, e descreve o ex-tirano a tomar mate e esperar sempre, no próximo navio da Argentina, um chamado de seu povo para reassumir o poder... Rosas tinha “certa mania de acreditar que os argentinos pudessem viver em paz sob outro sistema de governo que não o absolutismo; e de que ele, Rosas, era indispensável” — comentava Rosales, ainda que com certa simpatia.

Vivendo algum tempo em Paris, Pérez Rosales assistiu à mais famosa estréia de teatro do mundo: a do **Hernani**, de Vitor Hugo. Foi amigo de Dumas pai, “um mulato grosso de corpo e olhos vivíssimos e travessos”.

Em outras profissões, Rosales exerceu as de lavrador, fabricante de vinhos, médico rural, jornalista, vendeiro, minerador, contrabandista de pampa e cordilheira durante anos, pintor de imagens religiosas, catador de ouro na Califórnia, hoteleiro, cozinheiro, cônsul em Hamburgo, organizador da emigração alemã para o Chile, prefeito de Concepción, senador da República...

Alone, o mais lido dos críticos chilenos de hoje, escreve sobre o livro: “falar de si mesmo na época de Chateaubriand, sem jamais uma lamentação ou um movimento de soberba, constitui uma das mais singulares proezas e pode considerar-se esse livro a última e feliz aventura do grande aventureiro”.

Intensamente dramático às vezes, outras vezes cheio de graça, sempre com muito movimento e extraordinariamente rico de observações, esse livro tem um pouco de tudo. E também um pouco do Brasil, ou melhor, do Rio.

O autor conheceu o Rio em circunstâncias muito especiais. Um tal Lord Spencer, comandante da fragata "Owen-Gledower", ofereceu-se ao pai de nosso autor (que a esta altura era um rapazelho demasiadamente endiabrado de 14 anos) para levar o menino em uma viagem de ida e volta à Europa. Ele aprenderia artes marítimas e inglês. Não se sabe por que, quando a fragata chegou ao Rio, a caminho da Europa, Lord Spencer mandou desembarcar o rapaz na Praia Grande, hoje Niterói. Um oficial apiedou-se dele e antes de sair o barco deu-lhe algum dinheiro e o recomendou a algumas pessoas. Vicente viveu dois anos no Rio, na casa do Cônsul do Chile, sendo levado de volta a Santiago aos cuidados de Maria Graham.

Rosales conta como era um mercado de escravos: "os compradores procediam a um minucioso exame de cada negro que desejavam comprar. Mandava-o ficar de pé como uma estátua e o examinava da cabeça aos pés. Fazia-o curvar-se, levantar pesos ou sustê-los com os braços estendidos para calcular sua força muscular; apertava-lhe o peito e a cintura para ver se sofria de alguma dor, e mandava-o abrir a boca para examinar sua dentadura; submetia-o, enfim, ao exame a que no Chile só submetemos um cavalo, antes de ajustar seu preço".

Viu negros serem castigados na rua "sem que os passantes se impressionassem mais com isso do que um transeunte de Santiago se impressiona quando vê um carroceiro brutal castigar uma cavalgadura debilitada".

Conta um fato que presenciou um dia em que almoçava na casa do Sr. João Santiago Barros. "Tratava-se de um presente que esse senhor queria fazer a um seu amigo de quem ouvira dizer que precisava de uma negrinha para a sua senhora. Já havia comprado uma recém-desembarcada, e que teria dezesseis anos de idade. Para estar mais seguro de que o presente era digno da pessoa a quem o destinava, fez vir à sala de jantar a negrinha, muito bem lavada e penteada, envolta apenas num lençol; e na presença de todos mandou que retirasse o lençol, sem se lembrar sequer de que eu e um filho seu estávamos presentes! A infeliz criatura, que mais parecia uma estátua de ébano que um ser animado, depois de merecer a aprovação de todos foi mandada ao seu destino".

Conta Rosales os episódios de nossa Independência, fala das belezas do Rio e de sua volta ao Chile. Em 1825, novamente passa pelo Rio, a caminho da França, e não acha a cidade mudada; conta com asco o hábito de esvaziar nas praias o conteúdo dos famosos "tigres", dizendo que as praias mais bonitas eram as que tinham pior cheiro. Fala também do coro de eunucos na Capela Imperial, vindos da Itália: "Tinham aqueles infelizes coristas voz de mulher, cara de criança e abdome de elefante. Seriam mais felizes que os outros homens? Quem poderia dizê-lo?"

E com esta filosófica pergunta encerra o capítulo dedicado à nossa sempre bela e sempre suja cidade.

(Do "Correio do Povo", de Porto Alegre, 31-7-1983.)